

Michel Foucault: um rosto desenhado na areia

michel foucault: **um rosto desenhado na areia** | tony hara*

Edson Passetti (org.). *Kafka, Foucault: sem medos*. Cotia, Ateliê Editorial, 2004, 195 pp.

Tereza Cristina B. Calomeni (org.). *Michel Foucault: Entre o murmúrio e a palavra*. Campos, Editora Faculdade de Direito de Campos, 2004, 260 pp.

Luis Felipe Falcão; Pedro de Souza (orgs.). *Michel Foucault: perspectivas*. Rio de Janeiro, Achiamê, 2005, 142 pp.

A Terra, uma experiência humana cada vez mais inóspita e estéril. O deserto se amplia e sobre ele se arrasta o homem reduzido à sua animalidade adoecida, ao seu instinto de sobrevivência que o impele a enfrentar apenas a morte, o fim, o ocaso infame. Uma morte anônima, sem glória que mal chega a alterar as sondagens e os inacreditáveis gráficos estatísticos. A dominação biopolítica flagrada por Michel Foucault trata, em resumo, da redução dos estilos de vida, dos modos de vida de um indivíduo ou grupo (chamada de *Bios*) à “vida nua” (*Zoé*), isto é, a vida biológica, natural. No deserto que se alastra o homem é seduzido e esmagado por esse poder que “faz viver e deixa morrer”.

Essa forma de poder se instala justamente no momento antevisto e chamado por Nietzsche de “apogeu do niilismo”. A época em que se “arrisca uma crítica dos valores em geral; reconhece sua origem; reconhece o bastante para não acreditar mais em nenhum valor; o *páthos* está presente, o novo calafrio...”(Friedrich Nietzsche, *Sabe-*

* Jornalista e Doutor em História da Cultura pela Unicamp.

doria para depois de Amanhã, p. 265). Não há cavernas na planície; não será possível mais, a esta altura, procurar abrigo e nem consolo em sombras metafísicas e nem no manto confortável dos valores universais. A pele radicalmente exposta à luz, ao sol, ao hálito do deserto. “Se o homem recupera-se dela, apodera-se dessa crise, trata-se de uma questão da sua força: é *pos-sível...*” (Friedrich Nietzsche, *Sabedoria para depois de Amanhã*, p. 265).

Evocar o pensamento de Michel Foucault, 20 anos após a sua morte, é, sobretudo, evocar essa força e possibilidade de vida a que se referia Nietzsche em 1888. Evocar a “poeira ou o murmúrio de um combate” mesmo em condições difíceis, desfavoráveis em que até o desamparo e a precariedade se tornam aliados na luta contra o conformismo, a resignação e as forças totalitárias que atravessam o corpo.

O amplo legado de Michel Foucault desperta interesses diversos, fundamenta análises precisas de instituições disciplinares, motiva interpretações cada vez mais minuciosas de conceitos filosóficos, abre a possibilidade para a reflexão de domínios do saber como a psicanálise, a psicologia, o direito, a medicina social, a história... Os possíveis usos da filosofia ou da “ação filosófica” de Foucault na atualidade são surpreendentes e múltiplos. É o que se pode constatar na leitura dos livros *Kafka, Foucault: sem medos* (KF), *Michel Foucault: entre o murmúrio e a palavra* (MF) e *Michel Foucault: perspectivas* (MFP).

Essas obras reúnem diversos artigos (34 no total) escritos por intelectuais brasileiros e estrangeiros convidados a participar de colóquios organizados por conta das comemorações dos 20 anos da morte do filósofo, em São Paulo, Campinas, Campos e Florianópolis. No prelo, o livro *Figuras de Foucault* coordenado pelos professores

Michel Foucault: um rosto desenhado na areia

Alfredo Veiga-Neto e Margareth Rago, que reúne os textos apresentados e discutidos no “Colóquio Internacional Michel Foucault, 20 anos depois”, realizado na Unicamp.

Os livros compõem um mosaico, ou talvez, um labirinto no qual o leitor curioso poderá se aproximar e se distanciar de Foucault a cada novo artigo lido ou senda percorrida. De qualquer forma, após a leitura e releitura desses artigos, a impressão mais ligeira e ao mesmo tempo mais profunda, diz respeito ao caráter descontínuo da obra de Foucault. Daí a idéia de um mosaico inacabado, mais ainda, em permanente construção.

Tem-se a impressão forte de que neste agora, a figura de Foucault é como aquele rosto desenhado na areia da praia. Transforma-se, desaparece e ressurgue conforme a maré das interpretações. E o movimento é incessante e tem finalidades diferentes. De forma puramente esquemática e, portanto, falível com qualquer esquema, pode-se reconhecer três ondas interpretativas. Aquela que busca capturar os traços marcantes do rosto/obra do filósofo e aplicá-los em novas realidades ou contextos históricos; a que busca os traços mais sutis, ou seja, a reflexão sobre temas, problemáticas, teorias não escritas e apenas abordadas indiretamente pelo filósofo; e aquelas que lêem no rosto um convite à experimentação e aos horrores e às delícias da invenção de si.

É desnecessário dizer que esses modos de ler se interpenetram e se confundem no fluxo da escrita. Porém, teimando em seguir aqui o esquema cometido, os leitores encontrarão amplos panoramas da paisagem mental criada por Foucault, perpassados por pontuais análises, nos artigos de Roberto Machado, Tereza Cristina B. Calomeni e do pesquisador da Universidade de Lisboa, Jorge Ramos do Ó.

Neste modo de configurar o mosaico é possível entrever, primeiro, através do texto de Roberto Machado, uma “(...) síntese da genealogia das ciências do homem, tal como foi pensada por Foucault” (MF, p. 33). Trata-se de uma análise e apresentação em rápidos traços, tanto da chamada fase “arqueológica”, quanto da fase “genealógica” do pensador francês. Em um segundo momento Teresa Calomeni elabora um extenso breviário das principais teses foucaultianas sobre a analítica do poder (MF, pp. 39-77). E, finalmente, chega-se às teses da “governamentalidade” ou as “artes de governo” que surgem, segundo Jorge Ramos do Ó, “(...) como pivô e um ponto de condensação do conjunto das reflexões de Foucault.” (MFP, p. 38). Os três artigos reunidos cobrem um grande período da produção intelectual de Foucault e, na medida do possível, procuram ordenar e sintetizar as suas descobertas mais instigantes.

É possível dizer que outros textos complementam essa configuração. São os artigos que analisam com Foucault — a partir das suas sugestões e conceitos —, certas instituições ou práticas disciplinares ainda em voga na contemporaneidade. Como é o caso das prisões, dos Centros de Atenção Psicossocial que substituíram os antigos manicômios e da escola, agora acoplada às novas tecnologias de comunicação e de controle, tal como aborda Guilherme Corrêa, no contundente artigo intitulado “Do livro de receitas: como produzir um homem” (KF, pp. 45-54).

De uma forma geral, esses artigos que tematizam as práticas e instituições disciplinares destacam, com extrema lucidez e precisão, as linhas de continuidade das práticas características da sociedade disciplinar, ou ainda, do poder soberano. Apesar das aparentes mudanças, dos espetáculos do progresso, das inteligências artificiais, a época em que vivemos se alimenta e se curva à

Michel Foucault: um rosto desenhado na areia

moralidade produzida em épocas anteriores. Para o pesquisador Thiago Rodrigues, por exemplo, o *castigo* e a *vontade de punir* são constantes que perpassam tanto a sociedade da soberania (aquela que fazia dos suplícios públicos uma festa/punição exemplar), quanto a sociedade disciplinar e chegam até a nossa época de coleiras e de ostensiva vigilância eletrônicas (KF, p. 176).

A professora Sandra Caponi, no mesmo movimento, finaliza seu artigo sobre o poder psiquiátrico questionando a sobrevivência, mesmo nos atuais Centros de Atenção Psicossocial, de duas velhas estratégias do saber psiquiátrico do século XIX: o interrogatório e o uso de drogas. “É verdade — argumenta Caponi — que a ordem da psiquiatria deixou de ser o internamento, porém, hoje, trata-se de medicalizar e dominar as paixões, os delírios e os maus hábitos pelo uso de psicofármacos aparentemente eficazes. Em lugar de docilizar pelo encerramento físico manicomial, dociliza-se pelo isolamento que impõe o uso de psicofármacos” (MFP, p. 94).

Para encontrar uma outra forma de remontar o mosaico é necessário chamar os artigos elaborados por Kleber Prado Filho, Joel Birman e Márcio Alves da Fonseca. Uma outra estratégia de leitura se aplica a esta configuração. Ao procurar mapear as possíveis trajetórias da problematização da subjetividade na obra de Foucault, Kleber Prado Filho lança mão de um recurso chamado de “leitura transversal”, ou seja, aquela que “remete a um olhar (...) para temas paralelos, muitas vezes periféricos, que proliferam nas análises do autor” (MFP, p. 43).

Em um artigo bastante denso — que na prática funciona como um convite à leitura de seu livro *Entre o cuidado e saber de si: sobre Foucault e a Psicanálise* (Volume Dumará, 2000) —, o psicanalista Joel Birman, ao buscar convergências e divergências entre Foucault e o discurso da psicanálise também afirma que “[A psica-

nálise] (...) nunca é trabalhada de forma direta, mas sempre num campo outro e mais amplo. É para esta torção, teórica e metodológica, que devemos ficar atentos, para que possamos captar devidamente a posição da psicanálise como produção discursiva na obra de Foucault” (MFP, p. 99).

Já a ausência de uma teoria do direito na obra de Michel Foucault torna possível, segundo a análise de Márcio Alves da Fonseca, “(...) a compreensão do sentido que pode vir a ter o direito legítimo para Foucault” (MF, p. 184). Em resumo, é possível dizer que cabe ao direito, para Foucault, o papel de resistência aos mecanismos de normalização. E para que a resistência se realize efetivamente é fundamental pensar esse domínio do saber a partir do indeterminado, do inacabado. A formulação de uma teoria do direito faz com que se paralise o movimento e se limite a ação dos indivíduos ou grupos que assumem uma “atitude crítica” ao expressarem a “recusa em ser governado”.

No terceiro movimento ou onda interpretativa destacam-se os artigos de Oswaldo Giacóia Júnior, de Peter Pál Pelbart e do professor da Universidade de Barcelona, Jorge Larrosa, intitulado “La operación ensayo: sobre el ensayar e el ensayarse en el pensamiento, en la escritura y em la vida.” Na nascente deste fluxo a famosa passagem do livro *O Uso dos Prazeres* em que o autor se pergunta, “De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição de conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece?” (Michel Foucault, *História da Sexualidade II: O Uso dos Prazeres*, p. 13). Trata-se aqui dos efeitos da definição e da prática do “ensaio” entendido por Foucault, como experiência modificadora de si no jogo da verdade, como exercício de si no pensamento.

Michel Foucault: um rosto desenhado na areia

Esse estilo de filosofar surge, segundo o professor Oswaldo Giacóia Júnior, no momento de abalo das construções metafísicas e de descrença em relação à capacidade do pensamento em organizar um sistema integral do conhecimento e de encerrar uma firme totalidade. Um estilo forjado, sobretudo, pelo martelo filosófico de Nietzsche e retomado por Michel Foucault. Com o fim da metafísica, Nietzsche teria praticado o experimento com o pensamento em busca de algo efetivo. “Ao filósofo — afirma Giacóia — resta a tarefa crítica e a conquista daqueles novos reinos de experimentação consigo mesmo, antecipando, pela via da filosofia, a possibilidade de novas formas de existência” (KF, p. 91).

Neste artigo ainda, o filósofo Oswaldo Giacóia destaca o caráter político dessa filosofia experimental, ensaística que impele a uma constante fuga das verdades objetivas e do processo de consolidação de uma identidade fixa e permanente. Nos termos de Foucault, trata-se de um estilo de pensamento que permite “separar-se de si mesmo” e que, por esta razão, “se transfigura em política e antídoto contra toda espécie de fascismo.” Giacóia retoma o artigo “Anti-Édipo: Uma Introdução à Vida não Fascista” (Prefácio do livro de Deleuze e Guattari) e reconhece nesse processo de transformação de si pelo exercício do pensamento e da escrita, uma resistência radical às formas totalitárias de pensar e de viver. E como observa Foucault: “E não somente o fascismo histórico de Hitler e Mussolini — que soube tão bem mobilizar e utilizar o desejo das massas —, mas também o fascismo que está em nós, que ronda nossos espíritos e nossas condutas cotidianas, o fascismo que nos faz gostar do poder, desejar essa coisa mesma que nos domina e explora” (KF, p. 98).

Se, de fato, o que resta ao pensamento é a criação de novos territórios experimentais, a literatura é, então,

uma bela aliada, pois, como afirma Peter Pál Pelbart, a literatura e o pensamento “são experimentos sem verdade [...] em que arriscamos menos as nossas convicções do que nossos modos de existência” (KF, p. 139). Peter Pelbart lança mão, em seu artigo, de um experimento inusitado, surpreendente sobre a idéia de um corpo que *não agüenta mais* todo o sistema de crueldade utilizado no adestramento e na domesticação do animal-homem.

A partir de duas imagens literárias o autor apresenta o signo de uma resistência, a afirmação de “algo essencial do próprio mundo”. Mas, ao contrário do que se poderia imaginar, não se tratam de personagens robustas, temerárias, sangüíneas. Antes, são figuras literárias pálidas, de olhos cinzentos mergulhados no vazio, são corpos cadavéricos que definham sem alarde, em silêncio. O artista da fome, personagem de Kafka e Bartleby, de Melville, assemelham-se na recusa inabalável, no gesto extremo de renúncia ao mundo. E o curioso é que nesse corpo frágil, neste torpor passivo e manso, há efetivamente “indício de uma vitalidade superior”. Os desdobramentos desse experimento deslocam, invertem, alteram as perspectivas e as avaliações do que seja um corpo saudável, forte, organizado para os embates da vida. Ao evocar as idéias de Nietzsche, de Artaud, de Deleuze e de Beckett surge um diferente “estatuto do corpo como indissociável de uma fragilidade, de uma dor, até mesmo de uma certa ‘passividade’, condições para uma afirmação vital de outra ordem” (KF, p. 147).

O artigo, na verdade o ensaio, de Jorge Larossa dispensa maiores comentários porque é um texto que merece, antes de tudo, ser incorporado. Trata-se de um tipo de composição que proporciona, no movimento da leitura, a oportunidade de refletir cuidadosamente a nossa própria escrita, a nossa própria relação com o conheci-

Michel Foucault: um rosto desenhado na areia

mento e com o presente. De qualquer forma fica aqui o registro, o comentário muito parcial e precário de que, para Larrosa, Foucault reinventa o ensaio, esse estilo tradicionalmente considerado um híbrido entre a literatura e a filosofia.

E, finalmente, aquém ou além de qualquer esquema, vale lembrar o texto apresentado por Durval Muniz de Albuquerque Júnior. No artigo, “No castelo da história só há processos e metamorfoses, sem veredicto final” é possível ler/ver a realização do pensamento enquanto jogo, brincadeira maior, força de fabulação. Uma simples pergunta abre o belo artigo: “O que os historiadores podem aprender lendo os escritos de Kafka?” (KF, p. 13). Na construção rigorosa da resposta, encontra-se tanto o riso filosófico de Foucault, quanto a gargalhada de Kafka. O riso atormentado que lembra as pantomimas, os giros e rodopios do *Acrobata da Dor*. “Gargalha, ri, num riso de tormenta, / Como um palhaço, que desengonçado, / Nervoso, ri, num riso absurdo, inflado / De uma ironia e de uma dor violenta” (Cruz e Sousa, *Obra completa*, p. 89).

Aos olhos de um Tuaregue, de um beduíno nômade o deserto é uma vastidão de saídas. Tudo depende para onde se quer ir. Alguns comentadores dizem que Foucault aponta a trilha insólita rumo a um oásis democrático. Outros, afirmam que ele “evita discípulo, competente e ajuizado seguidor das suas *descobertas* para desafiar a *com ele atuar*” (KF, p. 11). Ensaiar, experimentar e atuar no deserto dentro e fora da gente. Um novo calafrio pode anunciar novas miragens. As linhas de vulnerabilidade se movem como as dunas em dias de tempestade. Quem sente o arrepio do deserto não suporta mais esperar a caravana passar.